



Assinaturas--Barcellos 2 mezes 200 rs.--Fóra de Barcellos 6 mezes 700 rs.--Composto e Impresso--Typ. "Centro de Novidades,"--Barcellos

Duas reivindicações

COM o consenso quasi unanime das gentes, diz-se hoje que o celebre professor Dr. José da Silva Tavares, mais conhecido por Frei José da Sacra-Família, e o mimoso poeta Francisco Gomes de Amorim, fallecido ha poucos annos na capital, eram naturaes da Povoia do Varzim.

O proprio municipio poveense assim o reconheceu, e tanto que, em 1886, nas casas em que elles nasceram em Argivae e Amorim mandou collocar lapides commemorativas do acontecimento, e com o nome do segundo designou uma das ruas da villa — a que vae da igreja matriz para a freguezia de Argivae.

E, ainda ha poucos dias, n'uma correspondencia da Povoia para «*O Commercio de Barcellos*», publicada no n.º 1017 d'este hebdomadario, fazendo-se referencia a alguns filhos illustres da formosa e florescente villa, lá vinham, entre os nomes dos poveenses Eça de Queiroz e Rocha Peixoto, os de Gomes de Amorim e de Frei José da Sacra-Família.

E, todavia, nada menos verdadeiro do que tal affirmação, porque a verdade é que os dois notaveis escriptores, tendo nascido no concelho de Barcellos, são por este facto lidimos barcellenses.

Barcellos não deseja nem precisa de apropriarse de glorias que não lhe pertencam; mas, tambem, não se sente com animo de renunciar ás que de direito lhe são devidas.

Vamos, por isso, restabelecer a verdade dos factos, até para que o erro não venha a adquirir fóros de verdade indiscutivel.

O Dr. José da Silva Tavares nasceu na freguezia de S. Miguel de Argivae, aos 14 de feverei-

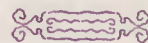
ro de 1788, e o poeta Francisco Gomes de Amorim, na de S. Thiago de Amorim, em 13 de agosto de 1827; e sendo estas freguezias então do concelho de Barcellos, e não do da Povoia do Varzim, que só foi criado pela *Reforma Judicial* de 21 de março de 1835, é evidente que ninguem, de boa fé, poderá contestar áquelles illustres escriptores a sua qualidade de barcellenses.

O antigo termo da Povoia era pequenissimo; tão pequeno que até o anno de 1835 comprehendia, se não estamos em erro, apenas uma freguezia — a que actualmente constitue a villa da Povoia do Varzim, e só n'aquelle anno, pela formação do novo concelho, é que lhe foram annexadas algumas mais, todas do concelho de Barcellos, entre as quaes as de Argivae e Amorim.

Ora, tendo Frei José da Sacra-Família e Francisco Gomes de Amorim nascido alguns annos antes da criação do actual concelho da Povoia, e em freguezias então pertencentes ao concelho de Barcellos, são para todos os effeitos barcellenses genuinos.

Sempre pela verdade, peze a quem pezar.

20 — IX — 909



O. M. B.

Biblioteca

Campo de S. José

UM dos locais mais apraziveis da villa, é sem duvida o campo de S. José; pena é que a disposição caprichosa dos edificios que o circumdam, não obedeça a alinhamentos definidos.

Ha já alguns annos, que temos esse magnifico campo completamente desprezado, vagueando pelos seus verdes prados, a occultas dos zeladores municipaes, algum

timido animalejo, que d'esta maneira aproveitava os seus arrelvados.

Sem grande dispendio, entendemos que se poderiam renovar os canteiros, arrelvando-os de novo, distribuindo alguma pequena quantidade de plantas ornamentaes; e cercando a parte ajardinada, com uma simples vedação.

Desde que os empregados municipaes e os da administração, fizessem um policiamento por toda a villa, quer de dia quer de noite, não só aproveitariam os jardins, as arvores, ornamentaes das avenidas, assim como toda a população.

Poderiam d'essa maneira reprimir-se as desordens, que frequentemente se dão nas ruas a altas horas da noite; ou qualquer serenata importuna, que depois da meia noite desperta a população.



O Talisman da Fortuna

(TRADUÇÃO)

(continuado do n.º anterior)

Tinha sonhado com venturas ignoradas, com esplendores de triumpho e com suspiros de amor... Cria firmemente que isso havia de achar no mundo e maguava-o ter que confessar o contrario sem o crer. Seguramente tudo quanto o havia impulsionado a sahir de casa existia; mas era preciso buscar-o primeiro e ganhá-lo uma vez achado...

Um alento de esperança inundou-lhe o coração. Já não sentia fome.

Poz-se de novo a caminho e andando, andando, ao anoitecer de aquelle dia chegou a uma granja onde pediu de comer; offereceram-lhe trabalho a troco do seu pedido. Levava um dia inteiro andando, sem comer nada e... accitou.

Comeu e dormiu na granja aquella noite. Apenas adormeceu começou a sonhar. Outra vez viu em sonhos a fada formosa vestida de petalas de flores, de fios de illusão e raios de luz.

Como da primeira vez que lhe appareceu depois de tocar-lhe com a sua aurea varinha na fronte disse-lhe: Vaes por bom caminho; segue por elle e cuida de não perder o talisman...

Tu serás ditoso...

Elle quiz fallar, perguntar aonde estava aquelle talisman que não havia logrado ver; mas não poude. A fada bateu as suas azas de mariposa e voou.

Levantou-se o moço ao nascer do sol.

Sentia-se ligeiro e alegre.

Trabalhou aquelle dia e os seguintes. O tra-

balho humilde da granja não era o que elle desejava; isto causava-lhe algum pesar mas consolava-se pensando que tudo aquillo era passageiro; que bem depressa estaria em condições de continuar o seu caminho, ganhar a vida de outro modo mais agradável, correr o mundo e gozalo.

Todas as noites via em sonhos a fada que o animava e lhe promettia a dita.

Durante o dia pensava n'ella e á força de pensar no mesmo, chegou a crer que a sua visão era uma formosa realidade.

Passava os dias esperando as noites e ia para a cama como se fora para uma entrevista de amor.

Todas as noites lhe apparecia a fada.

Logo que fechava os olhos apparecia ella incomparavel na sua formosura, resplandecente de luz, vestida de flores e nos de illusão.

Por influxo benefico da fada, o moço ia-se tornando insensivel ao trabalho.

Que lhe importava que fosse duro o labor que havia de fazer para ganhar o pão, se para o compensar das amarguras do dia, o esperava, envolto no mysterio das sombras da noite a rainha da sua alma...?

Ella infundia-lhe a esperança de um futuro melhor que o seu triste presente, promettia-lhe a ventura e isto bastava para que elle vivesse n'um mundo ideal alheio á miseria da sua vida e á dureza do seu trabalho...

Pouco a pouco o que havia de bom e de nobre na alma do moço foi tomando vulto. Acostumou-se ao trabalho e confiou em si mesmo. Um dia abandonou a Granja e foi á ventura, seguro de que não lhe faltaria pão para manter o seu corpo nem a doce companhia da sua fada para sustentar o seu espirito...

Buscou e achou. Trabalhou em mil partes; onde podia, onde necessitava.

Seguia o seu caminho sem deter-se em nenhum sitio; nunca lhe faltou a esperança; nem um instante desconfiou de si nem do futuro... e sempre a fada dos seus sonhos lhe dizia o mesmo:

--Vaes pelo bom caminho. Segue.

E elle seguia andando, andando...

Quanto mais andava e mais via, o seu espirito fazia-se mais forte e elle sentia-se mais bondoso e mais nobre.

A par de isto o seu trabalho era mais leve e a vida tornava-se-lhe mais facil.

Já se recordava com vergonha e pesar dos dias em que folgava na casa herdada dos seus antepassados, os fidalgos que viveram e morreram confiando em que outros lhes enchessem os celeiros de trigo e as cubas de mosto, recolhidos entre os muros da sua casa e os limites da sua aldeia, acastellados no seu orgulho de cauponezes ricos cujas occupações eram perseguir as raparigas mais bonitas, enquanto novos e as lebres quando já iam sendo velhos.

O que elles foram tel-o hia sido elle se não tivesse partido a tempo os laços que o retinham ligado áquelle pequeno mundo que agora contemplava de tão longe, tão longe...

Parecia-lhe que a vida dos homens que passara a mocidade alheios ao trabalho entre as pa-

Paizagem nocturna

*Montanhas elevadas, colossaes,
Quasi tocando o azul dos ceus distantes
Constellados de fulgidos diamantes,
Envolvem-se nas sombras nocturnaes.*

*As arvores, com fórmãs espectraes,
Dobram, para as estradas negrejantes,
As negras cabelleiras de gigantes,
Emquanto o rio solta tristes ais.*

*Tudo é sombra, tristeza e solidão.
Do firmamento a lua merencorea
Lança o tremulo olhar de compaixão*

*Por sobre as coisas tristes e silentes,
Emquanto o luar, com toda a sua gloria,
Vem beijar as paizagens eloquentes.*

Pedras Salgadas — 27 — VIII — 909.

VAZ PASSOS.

redes familiares, sem ver mais horisontes que os da aldeia em que nasceram era como a agua encharcada que depressa se corrompe envenenando o ar; enquanto que a dos homens trabalhadores era como o regato claro de agua corrente cujo volume augmenta com as chuvas até convertel-os em rios que beneficiam e saneam em terras por onde passam... Parecia-lhe isto e de cada vez sentia mais pena por todos os que eram como elle foi e não sabiam tornar-se como elle era . . .

Aconteceu um dia, que indo o moço de uma cidade para a outra, encontrou no caminho humilde e formoso que lhe fez recordar a fada que o acompanhava desde o dia em que sahio de casa para correr o mundo . . .

Era ella; sem vestido de flores e sem azas de mariposa, mas incomparavel em sua formosura de fada feita mulher. Quantas vezes foi preciso, elle mais forte e mais dextro que a sua companheira, a defendeu e ajudou . . .

E a mulher e o moço amaram-se . . .

A principio, um e outro occultaram o seu amor. Temiam offender-se mutuamente; temiam perder a companhia que lhes fazia suave e grato o caminho, mas, por fim, como as flores que

rompem o calice ao receber um beijo de sol, docemente rompeu o amor o seu segredo . . .

Na noite de aquelle dia, a fada appareceu de novo ao moço :

— Não me verá outra vez — lhe disse —

Já és ditoso e não precisas de mim.

Agora segue o teu caminho e procura não perdes o talisman . . .

Emilio de Rueda y Maestro.

Uma lembrança

De um nosso presado assignante, receberemos a carta que segue e sobre o assumpto n'ella tratado opportunamente faremos as necessarias considerações, de modo a dar impulso a tão feliz ideia.

. . . Senhores :

«Sou barcellense e assignante da *Barcellos-Revista* e tenho seguido, de perto e com justa admiração, o sentimento patriótico que os anima. E

vejo — o que hoje é muito raro, que v. . . . que se reuniram presos á mesma ideia, v. . . . , que são novos e de certo teriam outras cousas em que se entreter sem se incommodarem com o que a outros interessa, como geralmente todos fazem.

E' isto que eu mais lhes admiro, como a persistencia com que trabalham, apresentando ideias acertadas de todo o ponto dignas de ponderação e de execução immediata, como foi essa da formação da liga defensora dos interesses de Barcellos.

E se me permittem eu lembro-lhes uma cousa de muito interesse, talvez de mais interesse ainda que essa que deixo apontada. E' a criação de uma companhia Vinicola, ou uma sociedade de proprietarios, para promover a venda dos *vinhos verdes produzidos pelas videiras*, no concelho de Barcellos.

Eu exponho mais largamente a ideia :

A sociedade comprava todo o vinho que o concelho produz, não consentindo que outros o comprem — principalmente esses que o falsificam — e mandaria por sua conta, uma pessoa, ao Brazil, a promover a venda do *genuino*, do *puro* vinho verde d'esta região. Convenço-me de que o vinho, adquirido no Brazil sem *falsificação* e sem *mixordia* havia de ter sempre preferencia, pois que essa sociedade só teria por fim procurar a collocação do nosso e vinho tornando facil a sua venda.

Ao mesmo tempo, essa sociedade ou companhia promotora da venda dos *vinhos verdes* do concelho de Barcellos, seria o banco rural do lavrador, porque, sempre e em qualquer epoca, lhe comprava o vinho pelo preço corrente, facilitando ao lavrador a collocação e venda do seu vinho. Seria, a meu ver, uma grande cousa, a criação d'essa sociedade. Pois v. . . . não veem que o lavrador, quando precisa de dinheiro, manda cortar nas suas bouças alguns pinheiros e os manda á Fabrica de Serração vender, remediando assim a sua vida ?

Outro tanto se daria com a empresa de que fallo. Sempre, a qualquer hora e em qualquer epoca, o lavrador tinha a quem vender o vinho. E nós, fornecendo o *puro vinho do nosso concelho* aos brazilleiros, teriamos muito a lucrar e elles ficariam sabendo como é o *puro vinho verde* — porque é cousa que lá não ha.

Vender o vinho a desconhecidos, como quasi sempre acontece e que é destinado á exportação, não sabemos emi que se vae tornar esse delicioso summo da nossa uva, esse summo que envasilhames *puro* e que depois . . . será o que será !

Ao lavrador producer, era um serviço que se lhe prestava ; e, para o credito do nosso vinho no estrangeiro, seria isto o melhor passo, que vinha ser o lavrador fornecer directamente o consumidor. Deixo a v. . . . esta ideia, que d'ella farão o que entender.

De V. . .
patricio admirador

Um assignante da «Barcellos-Revista»

15 de setembro de 1909.»

Chronica ligeira

Eu suppunha que os vivas eram manifestação d'enthusiasmo impropria de coisas sacras, como é de certo uma peregrinação votiva.

Esses cortejos religiosos, como o de domingo, 26, á Franqueira, não são senão populosas romagens a um lugar sancto, a uma ermida, sanctuario ou mosteiro, com propositos mysticos de rogativa ou prece ao respectivo orago, n'um grande e ostensivo acto de fé, em franca homenagem d'fervorada crença.

D'este modo, parece que o espirito dos peregrinos, todo impreguado d'aspirações celestiaes, não os devia amoldar aos usos mundanos das aclamações fragorosas. Vibrantes de jubilo, muito embora, os seus fremitos deviam ter alguma coisa d'harmonioso, não d'estridente, serem como echos mysteriosos d'um regosijo divino. Podiam entoar hossannas, nunca explodir vivas.

O caso, porem, é que os bramidos acclamatorios do que estamos acostumados a ouvir, nas chamadas manifestações politicas, n'esse prestito reboaram.

«Viva a Senhora da Franqueira ! Viva o Santissimo Coração de Maria ! . . .»

Da mesma maneira como que é d'habito saudar a nomeação do regedor ou o triumpho do deputado. A mesma forma de exprimir enthusiasmo, tanto nas coisas divinas como nas coisas profanas. Um como que parallelo entre os santos e os politicos, um certo equalitarismo que eu julgaria sacrilego, se o não visse, senão applaudido, pelo menos tolerado por quem tem auctoridade no assumpto.

E' um modernismo, não ha que ver, exercitado nos austeros preceitos da velha luthurgia. Mas eu não vou com elle e, por isso, d'aqui lhe faço as minhas observações.

Verdade é que, para novas praticas do culto, um novo ritual se deve estabelecer e as peregrinações, que não são tambem outra coisa, senão procissões dernier cri, segundo o figurino de Lourdes, devem tambem erigir novas frmulas, que as libertem da triste melopéa do Bemdito ou do soturno cantochão, do clero em prece. Eu, porem, gosto mais

Barcellos pittoresco — Largo de S. Braz, em Barcellinhos



Cliché de Gonçalo Alcalde y Alonso

Simili-gravura de Marquês Abreu

d'um côro de Virgens, como aquelles que sabia ensaiar o sempre saudoso Manoel Leite; e até acho mais majestosos e mais compatíveis com o prestígio da religião os cortejos processionaes, com os andores, o palio, as confrarias, os anjinhos, o corpo ecclesiastico, tudo n'uma solemnidade empolgante. Mas as peregrinações estão em voga e vão-se ramificando, de modo que em Barcellos já se realisou a segunda, a Franqueira, onde desde seculos alveja, no cimo do monte d'aquella denominação, a pequenina e tradicional capella, cuja área principal é formada por um jaspe trazido de Ceuta.

Lá recebeu a Virgem os preitos votivos e as orações ferventes, de mistura com os vivas estrepitosos dos mais entusiastas.

Depois a peregrinação acampou n'um grande pêle-mêle, procedendo á necessaria refeição e dispersou cantando aos magotes, como n'um retirar de romaria.

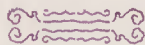
Do que me ficou peor impressão foram os vivas, confesso e tambem uns quês de feminismo que em laes festas transparece.

A mulher tem n'ellas um grande papel, mas, francamente, nem sempre o julgo que lhe é muito adquado. Nas proçissões não

vae a mulher, pelo menos, em ostentosa exhibição. Outro tanto não succede nas peregrinações em que ella se evidencia, sobre-modo.

Ora eu preferia . . . mais recolhimento ou menos acção espectacular. Mas as peregrinações são assim, são um culto de moda, como deixar de n'ellas intervir a mulher, que n'estes casos é tambem sacerdotisa primacial?

M.



Coisas velhas

VII

Deixamos «O Jornal do Povo» (em 1865) no antigo Campo dos Touros, a imprimir-se na typographia aonde nascera, na antiga Rua Direita, em o 1.º de maio de 1864.

Por esta epocha foi o João Bettencourt obrigado a ir aos Açores a tratar de negocios da sua casa, e teve que levar consigo para o auxiliar nos trabalhos a que ia dar-se, o Matheus Augusto, meu unico companheiro na redacção de «O Jornal do Povo».

Por este facto, e tendo já definitivamente fixa-

do a sua residência em Barcellos o Dr. Rodrigo Velloso, com quem então eu me dava muito intimamente, principiou elle a collaborar commigo no «Jornal do Povo.»

Como a orientação politica de R. Velloso fosse diversa da de Faria Barbosa, com quem elle, mesmo pessoalmente, se não dava, é claro que o Rodrigo tratou de ir voltando a face de «O Jornal do Povo» para o seu lado; e eu, que, como já disse, era muito intimamente amigo do Rodrigo, deixei — *correr os marfins* — como costuma dizer-se.

João Bettencourt, que não morria d'amores pelo Velloso, e desgostando-se com a nova orientação do jornal, mandou retirar a typographia, em que elle era feito.

Novos embaraços e novas difficuldades surgiram para a vida do modesto semanario.

Mas não cahimos. O jornal continuava a publicar-se sob a mesma direcção, e com o mesmo editor responsavel, sendo impresso em Braga na typographia União, Largo de Santo Agustinho n.º 1, até que nós adquirissemos uma typographia de propriedade da empresa do jornal; o que chegamos a conseguir por meio de acções tomadas por amigos meus e do Rodrigo Velloso.

A nova typographia foi montada em casa de Thomaz Coelho da Costa, então muito dado com Rodrigo Velloso, no Largo da Praça Velha, e que, creio ser, hoje habitada pelo meu velho amigo João Rodrigues de Faria.

Deixei então a direcção do jornal, que entreguei ao Rodrigo Velloso, passando o cabeçalho do jornal a ter apenas: — «O Jornal do Povo» Publica-se aos Domingos.

Continuou a prestar os seus serviços ao jornal como editor responsavel, o meu saudoso, e honrado amigo, Manoel José Ramires, pae do conceituado jurisconsulto n'esta comarca Dr. Ludgero Ramires.

N'esta terceira e ultima phase do jornal entrou tambem a collaborar n'elle o conhecido, e sempre lembrado, Antonio Maria do Amaral Ribeiro.

Por este tempo, — 1886, — adquiria o Rodrigo Velloso uma typographia sua, e que montou na casa em que habitava então, e que hoje habita o meu amigo Dr. João Novaes.

Rodrigo tinha um creado de nome — Manoel Queixadas — com tendencias para litterato e poeta; e, com assentimento do amo, principiou a imprimir, na typographia da casa, um journalsinho litterario, a que deu o nome de — «Aurora do Cavado» —

Lá chegaremos.

«O Jornal do Povo» foi vivendo, mas não vida muito longa, em a sua nova installação, que lhe atrophiou a existencia.

E porque o Thomaz Coelho tivesse pouco geito para a administração do jornal, e eu passasse largas temporadas n'aldeia, e o Rodrigo tivesse os seus trabalhos profissionaes, «O Jornal do Povo» suspendeu a sua publicação a 11 de novembro de 1866 — no terceiro anno da sua publicação.

A typographia e o prelo lá ficaram em casa do

Thomaz Coelho e ainda hoje não sei do fim que elle teve.

O Rodrigo Velloso, e só elle, poderá corrigir qualquer inexactidão, que, involuntariamente, eu aqui deixe n'estas chronicas, que escrevo de memoria; mas, pelo que me informam, o Rodrigo não terá a cabeça mais fresca do que eu, apesar de ser mais velho um pouco.

Já veem os meus caros leitores, que eu não os illudi, quando lhes disse: que a vida de «O Jornal do Povo» foi muito accidentada.

29—9—09.

A. PAES.



CARTAS Á MINHA VIZINHA

III

O marido preferido pelas meninas casadoiras — Encantos do bacharel — A nossa educação da mulher só faz, em regra, meninas prendadas e inuteis — Um feio preconceito numa linda cabeça — A causa maxima da nossa crise social — Sabias palavras de Poinsard — Quem cultiva a nossa terra — Quem se dedica á nossa industria.

A minha cara visinha não pode negar que tem uma carinhosa e admirativa predilecção, pelas chamadas profissões litterarias.

Discutindo com as suas fieis amigas qual o marido preferivel e decidindo-se: ora pelo medico, ora pelo advogado, ora pelo official do exercito, é sempre para os *diplomados* que vão as preferencias de todas.

Mais tarde, quando forem mães e quando, junto aos berços, em cuja alvura as graciosas cabeças de seus filhos hão-de pôr uma delicada mancha rosea e loira, devanearem sobre o futuro dos pobres pequeninos, sonha-los-hão tambem doutores ou funcionarios do Estado.

E' que a *lavoura*, a *industria* e o *comercio* são, no entender de todas, profissões só para os incapazes intellectuaes, ou para os desprotegidos da fortuna.

E' licito, é verdade, a um bacharel, a um qualquer diplomado, dedicar-se ao cultivo das suas terras ou á direcção da sua fabrica; mas seja primeiro bacharel, arranje o diploma, embora nunca pense em o usar.

Um *doutor* atraz de um nome dá-lhe muito mais som, incha-o de representação, como o ar aquecido incha os balões.

Não negue, vizinha, que, no fundo, pensa assim.

E, todavia, é este um dos peores preconceitos dos muitos que lhe opprimem, lhe petrificam, lhe estagnam o espirito, como as faixas que apertam e conservam as mumias do Egypto.

Bebeu o no seu meio.

Cultivou-lh'o a sua educação, inspirando-lhe um culto por tudo o que é vistoso e superficial, brilhante e ôco. Não lhe dando uma noção exacta do que é a estrutura social do nosso paiz, do valor relativo das profissões de que elle necessita. Não lhe fazendo nascer um amor sadio pela terra e pela sua cultura, pelo trabalho livre e productivo, menos ostentoso e mais útil.

Como pode amar a lavoura e a industria quem nunca semeou uma pequena gleba de terra, quem nunca assistiu ao lento desenvolver das plantas, quem nunca viu o seu esforço recompensado com a ampla e santa fartura da colheita.

Quem nunca plantou uma arvore, quem nunca amparou intelligentemente o seu crescimento, quem nunca colheu alegre e amorosamente os seus fructos.

Quem nunca estudou, nem comprehendeu, nem viu talvez, o maravilhoso engenho de um tear mechanico, de uma machina a vapor, de um motor electrico!

A sua educação foi-lhe dada, com uma orientação diversa, para não dizer opposta: quiz apenas fazer de si *uma menina prendada*, embora muito frivola e muito inutil.

Pois vizinha, esse preconceito que a sua educação e o seu meio lhe alojaram nessa encantadora cabeça que parece modelada pelo amoroso escopro de Canova, é um verdadeiro crime-

A maior causa no nosso mal estar social, d'esta crise profunda e velha que nos mina até á medulla: é o afastamento da *burguezia* das profissões fundamentaes: a *agricultura* e a *industria*, sobretudo da primeira, porque nós deviamos ser um povo *principalmente de larradores*.

O sabio suiso Poincard põe bem em evidencia este facto e diz que é uma verdadeira desgraça para o paiz e para a raça que: «privada de uma direcção esclarecida e de dinheiro, a cultura fique só a car-

go dos pobres e vegete sem prosperar e sem se aperfeiçoar.»

Quantos burguezes endinheirados conhece, vizinha, que façam da lavoura ou da industria a sua preocupação unica, que n'ellas emprega corajosamente os seus capitães e que para ellas tenham uma preparação solida e intelligente?

Raros, e muito raros!

Conhece ao contrario muitos bachareis e empregados publicos que, sentindo aquelle antigo amor á terra que nós os portuguezes não perdemos de todo, ainda cultivam a sua gleba, nos intervallos que a profissão lhes deixa livres.

Conhece muitos bacharelados que renunciavam a usar do seu diploma, para se dedicarem á lavoura, ao commercio ou á industria.

Conhece muitos que sendo ineptos ou não tendo recursos para qualquer profissão intellectual, ficaram jungidos á charrua ou ás machinas, como forçados presos á grilheta.

Do seu:

Vizinho Importuno.

(Continua).



SALLA DE VISITAS

Pétalas — Versos de Alvaro Pinheiro.

Com uma amavel dedicatória do auctor, temos sobre a nossa mesa de trabalho um livro de versos intitulado — *Pétalas* — (2.^a edição augmentada da Livraria Espozendense).

Não é este o primeiro livro de versos d'Alvaro Pinheiro, nosso illustre collaborador: — *Sonancias*, *Amores-Perfeitos e Nenuphares*, poseram já em destaque o genio poetico do auctor das *Pétalas*. De nada vale a nossa critica, nem nós a pretendemos fazer, porque ella está já feita, quando da 1.^a edição d'este livro, que lemos com agrado e de que nos ficou a impressão de que *asão versos de quem nasceu poeta ou, antes, de quem é poeta por temperamento e não por educação* que *afazem lembrar as lyricas saudosas de João de Deus* — como bem disse a *Mala da Europa* n.º 568, de maio de 907 — á memoria de quem o livro é offerecido.

Ao nosso illustre collaborador snr. Alvaro Pinheiro, d'Espozende, o nosso agradecimento pelo exemplar que amavelmente nos offereceu.

CARTA

Do nosso illustre amigo, distincto poeta e collaborador do *Barcellos-Revista*, sr. João de Lebre e Lima, recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos :

Meu caro Director e amigo :

Por intermedio d'um collega nosso, recebi, hontem, um jornal de Vianna, com um *suelto* que me alvejava. A causa foi o ultimo soneto que para a *REVISTA* enviei. Hontem mesmo escrevi para o tal jornal a carta que transcrevo e que peço ao meu amigo a fineza de publicar na *BARCELLOS*.

Queira dispôr do

Todo seu

João de Lebre e Lima

Porto, 22 de Setembro de 1909.

Para o Ex.^{mo} Sr. A. Ferreira Soares.

Dig.^{mo} Director do O Povo
Vianna do Castello.

Ex.^{mo} Senhor.

Mão amiga e certa enviou-me, hoje, o jornal *O Povo*, que V. Ex.^a dirige. Riscado a azul, um azul relampejante, quasi sarcastico, li um *suelto* que se reteria á minha obscura individualidade, motivado por um tambem obscuro soneto meu, que a *Barcellos-Revista* bondosamente aninhou na 3.^a pagina do seu ultimo numero. E'-me indifferente o remoque, porém não me esquivo á justificação do meu pseudo-crime de lesa-astronomia.

Transportemo-nos um momento para a scena que os meus desataviados versos pintam.

No azulejo d'um quarto de banho, onde a minha condessinha se encontra, um Pan, neurasthenico, *blasé*, contempla, sem vêr, um bando de naiades, que de longe o excita. Concebe-se assim um Pan, concebem-se assim naiades. N'isto, a condessinha, sufficientemente banhada, ergue-se da tina.

E ao contemplal-a, então, lyrialmente nua,
Como o Sol ao brotar da curva do Oceano,
Brilhavam de cobiça as orbitas de Pan.

Ora eu comparo-A ao Sol pelo esplendôr da sua gloriosa nudez e como Ella salta da agua a comparação impunha-se. Certo, em Vianna ou em qualquer outro ponto d'este *jardim d'beira-Mar plantado*, como diz uma estafadissima imagem, o Sol nasce d'Aleni, das terras longinquoas do Oriente (Nascente, Levante, etc.) Mas, meu caro amigo, como muito bem sabe, o Sol não nasce de parte alguma. Uma trivial illusão d'optica, apenas. E se a nós, que, burguês e prudentemente, calcamos torrão estavel, nos dá a impressão de brotar da Terra, a quem se balança no dorso do Mar não succede outrotanto. Questão de logar, como V. Ex.^a vê! Ora o meu estimado Pan, comquanto pize terra firme (meta-

phoricamente), vê sair a minha não menos estimada condessinha do pequenino Oceano que é a sua tina de marmore. Logo não é uma liberdade poetica (coisas de que pouco abuso), nem tão pouco uma *asneira* (sic), como indignadamente insinua o jornal de V. Ex.^a. Demais, abomino as imitações e confessemos que pretender mudar o curso ao Sol scria um descarado plagio d'aquella proeza do Josué, da Biblia. E depois que balburdia por esse mundo astronomico fóra !

Pôde sêr que venha um dia em que eu, para evitar mal entendidos e austeros rubores de astrónomos maguados, me lembre de retocar esse malfadado soneto. Até lá . . .

Não sei se consegui satisfazer V. Ex.^a. Por mim sinto-me tranquillo e só rogo a gentileza da inserção integral d'estas poucas palavras no seu estimado bi-semanario.

De V. Ex.^a

João de Lebre e Lima

Porto, 21 de Setembro de 1909

PERFIS MASCULINOS

XIII

Baixo, gordo, olhar rasgado,
Ár tranquillo, sorridente,
Elle é do mano empregado
E dos *impressos gerente*.

E' na rua mais *central*,
Que *centraliza* energias ;
Tem *papel* . . . *medicinal*
E varias quinquilherias.

Com tantas variedades,
Que diz ter e annuncia,
Não tem lá, nas *novidades*,
Nada p'ra fotografia !

Em tempos vendeu riscados ;
E se trepou foi por lá ;
Nos azues papeis sellados
Trabalhou com o papá.

Nos torneios, secretario,
E' das pombas inimigo ;
E p'ra não ser perdulario
No prato chama-lhe um figo !

Apesar d'elle ser *franco*,
Ha por ahí um rumor,
De que embora seja branco,
A *barriga é d'outra cor* !

DOIS AMIGOS.